

## SIMPÓSIO AT007

### EM BUSCA DA PALAVRA E OS DILEMAS DA ESCOLHA: EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO.

MOURA, Magali dos Santos  
UERJ  
magsanmou@gmail.com

**Resumo:** O trabalho a ser apresentado pretende expor e discutir o processo de escolhas linguísticas e terminológicas inerentes ao processo tradutório. Pensamos que a produção de significados a partir das escolhas que o tradutor efetua interfere diretamente na construção de sentidos a partir da recepção da tradução em uma determinada cultura. Dessa forma o estabelecimento de uma determinada terminologia ou de expressões pode interferir diretamente na ideia com a qual um autor ou conceito é entendido e recebido. Como norte para o desenvolvimento das considerações a serem apresentadas no trabalho, tomaremos a seguinte consideração de Octavio Paz (2009, p. 27): “Tradução e criação são operações gêmeas. Por um lado, conforme mostram os casos de Charles Baudelaire e de Ezra Pound, a tradução é indistinguível muitas vezes da criação; por outro, há um incessante refluxo entre as duas, uma contínua e mútua fecundação”. Dessa forma, cabe ao tradutor ao se deparar com determinadas expressões e conceitos, assim como determinados conteúdos ficcionais, ter em mente que se está no ato de traduzir estabelecendo uma tríplice relação pelo fato de ser o agente que realiza um ato criador pela elaboração de um texto, por mergulhar no processo de linguagem e de criação de um outro e por ter em mente a recepção daquilo que está a realizar. Tomar-se-ão como exemplo e objeto de investigação as experiências feitas ao longo do processo de tradução do livro *Lendas Alemãs*, editado pelos Irmãos Grimm nos anos 1816 e 1818.

**Palavras-chave:** Interculturalidade; Lexicografia; Semiótica.

**Abstract:** The work to be presented intends to expose and discuss the process of linguistic and terminological choices inherent in the translation process. We think that the production of meanings from the choices that the translator makes interferes directly in the construction of meanings from the reception of the translation in a given culture. In this way the establishment of a certain terminology or expressions can directly interfere with the idea with which an author or concept is understood and received. As to the development of the considerations to be presented in the paper, we will take the following account of Octavio Paz (2009: 27): "Translation and creation are twin operations. On the one hand, as the cases of Charles Baudelaire and Ezra Pound show, the translation is often indistinguishable from creation; on the other, there is an incessant reflux between the two, a continuous and mutual fertilization." Thus, it is up to the translator to come across certain expressions and concepts, as well as certain fictional contents, to bear in mind that one is in the act of translating establishing a

threefold relation by the fact that it is the agent that performs a creative act by the elaboration of a text, by immersing himself in the process of language and the creation of another, and by keeping in mind the reception of what he is doing. The experiments made during the translation process of the book *German Legends*, edited by the Brothers Grimm in the years 1816 and 1818, will be taken as an example and object of investigation..

**Keywords:** Interculturality; Lexicography; Semiotics.

A acepção que norteou o desenvolvimento do projeto de extensão “Vice-versa. Relações interculturais na prática”, desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro por alunos e professores do curso de Bacharelado em Letras Português-Alemão, é a de que a ação de um tradutor abrange muito mais do que o conhecimento das línguas com as quais se pretende trabalhar. Ele também deve incorporar como sua função o papel de mediador cultural sempre atento às diferenças, preocupando com o efeito no receptor das eventuais diferenças entre as culturas, assim como buscar uma adequação de eventuais regionalismos. O ato de traduzir transforma-se em diálogo, não só com as línguas de chegada e partida, como também entre as outras culturas. Esta característica se torna ainda mais fundamental quando se pensa na peculiaridade da sociedade contemporânea, envolvida em um sistema econômico neoliberal com vista à globalização das empresas, seus produtos e das pessoas. Um dos pensadores mais inovadores da atualidade, o sociólogo Ulrich Beck, propõe como nova forma de organização social a criação de estados transnacionais como forma de contraposição a esse processo. Em resposta à “unidimensionalidade econômica” e ao “pensamento linear e de mão única”, podemos interpretar a ação tradutória como uma “tarefa política [que] consistiria em esclarecer para a opinião pública que a globalização não pode significar o abandono de tudo às leis de mercado” (BECK 1999, p.225). Com a consciência de que o processo tradutório pode contribuir para o diálogo compreensivo entre as diferenças, colocando em alto relevo aquilo que o processo de achatamento cultural tende a nivelar através da globalização neoliberal, propomos uma ação dialógica, colocando, através da tradução referenciada por uma edição comentada, as culturas em contato, acentuando o caráter universal da humanidade, para além das diferenças que poderiam encarcerar os seres em nichos incomunicáveis. A forma de trabalho desenvolvida no projeto vai ao encontro das mais recentes pesquisas no terreno dos Estudos da Tradução, conforme destaca Sandra Bermann (2011, p. 1), ao desenvolver um sùmula das ideias-chave que perpassam tais estudos:

À medida que o papel da tradução no contexto pós-colonial, pós-estruturalista e pós, sub- e internacional se lança no cenário mundial hoje, sua capacidade tanto de estender a vida dos textos literários e culturais mas também de intervir em seus e feitos globais vem à tona.

Ao destacar o “potencial transformador” do ato de traduzir, Bermann infere que “a prática de tradução é entendida tanto como local quanto como global e [prepara] a literatura comparada para desempenhar um papel particularmente aberto e democratizante nos estudos literários”. Dessa forma, a prática de aproximação de conteúdos literários e culturais com as questões de tradução estão em conformidade com um ímpeto que transforma a ação linguístico-literária em um ato político, viando a uma ampliação da forma de ver a si e o outro. Assim caracteriza Bermann o ponto de vista defendido por Emily Apter e que, de certa forma, perpassa nossa prática:

Em análises detalhadas de problemas teóricos específicos, ela enfatiza a habilidade da tradução de não apenas permitir ao texto continuar a viver. Ela também enfatiza o seu potencial para transformar, e especialmente para invalidar crenças culturais e linguísticas restritivas. Encontrando, nas falhas de linguagem e em seus impasses intraduzíveis, os meios para separar nossa compreensão das palavras de seus estereótipos entranhados e de simplificações culturais, ela revela o potencial da tradução e da literatura comparada para criar novo espaço imaginativo para as humanidades. (BERMANN, 2011, p. 5)

Ao sintetizar o pensamento de Maria Tymoczko, Bermann (2011, p. 7) ressalta a importância do trabalho de traduções em grupo, como forma de “desafia(r) as referências a um tradutor individual, usuais na Europa e nos EUA”. Sob o ponto de vista de uma ação que procura desenvolver uma comunicação que transcenda as barreiras do individual, procurou-se desenvolver uma ação tradutória correspondente. Dessa forma, o processo de tradução, desenvolvido no âmbito do projeto Vice-Versa, foi realizado de forma tanto individual como coletiva com a intenção de criar um espaço democrático de trocas durante o trabalho, criando um espírito coletivo. Por vezes um determinado aluno ou professor era o responsável pela tradução de um dos textos, de outra vez um texto era escolhido para ser traduzido em reuniões do grupo de alunos e professores, nas quais alguns textos eram revisados como atividade em conjunto, levando em conta a experiência linguística e cultural de cada integrante do grupo, assim como ressalta e afirma a relevância da subjetividade de cada um enquanto tradutor. As escolhas tradutórias eram alvo de discussões em reuniões e ao longo da execução do projeto foram estabelecidas algumas normas a serem seguidas

pelo grupo, a fim de garantir uma determinada homogeneidade nas traduções, dada a variedade do número de integrantes do grupo de tradução, assim como também permitir que se criasse uma identidade coletiva referenciada no próprio processo coletivo de tradução. Através dessas discussões acerca das escolhas tradutórias, pode-se tomar consciência do que Berman caracteriza como horizonte literário: “um conjunto de parâmetros da linguagem, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor” (BERMAN, apud: SILVA, 2007, p. 28). Esse processo, devido à própria peculiaridade das lendas coletadas, se configurou como uma tarefa complexa e instigante, já que originalmente as lendas possuíam diversas fontes e eram provenientes de regiões nas quais se falavam diferentes dialetos.

Com a preocupação de não tornar a tradução uma adaptação ao português contemporâneo, e assim, praticar uma “negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (BERMAN, apud SILVA, 2007, p; 34), optamos por deixar transparecer a estranheza, o que em nosso entender aproxima dialeticamente o conteúdo das lendas da cultura brasileira. Ver o outro enquanto o outro assinala a diferença e instiga a contraposição com conteúdos luso-brasileiros. Aproximamo-nos, pela constante interrupção da fluência do texto, do ponto de vista defendido por Lawrence Venuti, que defende a presença marcada do tradutor, o qual deixa no texto rastros de sua presença, tornando visível e perceptível o estrangeiro na tradução. Venuti estabelece uma dicotomia no processo tradutório entre “domesticação” e “estrangeirização” e defende a permanência da figura do tradutor através da quebra da fluência da tradução, o que deixa o tradutor “visível”. Assim, estabelece Venuti que:

[o] —estrangeiro, na tradução estrangeirizadora, não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e que tenha valor em si, mas uma construção estratégica cujo valor depende da situação em vigor na cultura receptora. A tradução estrangeirizadora mostra as diferenças do texto estrangeiro, porém somente por meio da ruptura dos códigos culturais que prevalecem na cultura-alvo. No empenho de fazer o que é próprio à cultura de partida, essa prática tradutória deve fazer o que é impróprio à cultura de chegada, desviando-se o suficiente das normas para apresentar uma experiência de leitura estranha — escolhendo para traduzir um texto estrangeiro excluído pelos cânones literários da cultura receptora, por exemplo, ou usando um discurso

marginal para traduzi-lo. (VENUTTI, apud MARTINS, 2010, p. 68-69)

Propositalmente não promovemos um apagamento de traços linguísticos e culturais que marcam o estrangeiro no texto em português. A ideia de que se trata de um outro foi, assim, preservada e através dos comentários e notas intentamos promover, de forma mais explícita, um diálogo intercultural. Dessa maneira, intentamos a criação artificial e imagética de um entre-lugar, de aproximação e consideração do estrangeiro como um diferente, sem valorização de hegemônico ou periférico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÔNIMO. **La saga de los Volsungos**. Tradução de Javier E. Díaz Vera. Madrid: Gredos, 1998, p. 42.
- BERMANN, Sandra. Literatura Comparada e Tradução: algumas observações. In: **Translatio - Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva**. N.2 (2011); disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/36683>.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983 (1948).
- Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm. **Lendas alemãs. As Lendas do Diabo**. Organização, notas e comentários: Magali Moura; Ebal Bolacio. Tradução: Grupo Vice-versa. Rio de Janeiro: Dialogartes, 2017.
- HERÓDOTO. **História**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1950. Edição eBooksBrasil, 2006; (Livro IV; CV). Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>
- MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. **Cadernos de Letras (UFRJ)** n.27 – dez. 2010. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf).
- PAZ, OCTAVIO. **Tradução: literatura e literalidade**. Trad. Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte; FALE/UFMG, 2009.
- SILVA, Wanessa Gonçalves Silva. **Por um projeto de tradução estrangeirizante: Dr. Faustus, uma tradução comentada e anotada**. Dissertação mestrado. Florianópolis: UFSC, 2007.



STURLUSON, Snorri. **La saga de los Ynglingos**. Valencia: Ediciones Tilde, 1997, p. 41.

## ANEXO 1

Como exemplo, citemos a lenda do lobisomem e sua respectiva nota, conforme editado no livro:

Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm. **Lendas alemãs**. As Lendas do Diabo. Organização, notas e comentários: Magali Moura; Ebal Bolacio. Rio de Janeiro: Dialogartes, 2017.

### 214 O Lobisomem

Um soldado contou a seguinte história que teria se passado com seu próprio avô: Uma vez, este, seu avô, teria ido à floresta cortar lenha junto com um compadre e ainda com um terceiro, acerca do qual sempre se suspeitava haver algo estranho; porém não se sabia dizer nada ao certo sobre isso. Assim que os três haviam terminado seu trabalho e estavam cansados, esse terceiro perguntou se eles não queriam dormir um pouco. Assim se fez, e cada um se deitou no chão; mas ele, o avô, apenas fez que dormia, e manteve os olhos semicerrados. Então o terceiro teria olhado primeiro em volta, para ver se os outros dormiam mesmo, e como ele assim acreditou, tirou de uma vez o cinto [1] e se transformou em um lobisomem. Porém, um lobisomem desses não se parece exatamente com um lobo comum, mas sim um tanto diferente. Em seguida, ele correu para uma campina próxima, onde um potrinho estava pastando, o qual ele atacou e devorou com pele e tudo. Depois disso, ele retornou ao lugar, colocou novamente o cinto [2] e então, como antes, deitou-se em forma humana. Pouco tempo depois, quando todos se levantaram juntos, voltaram para casa na cidade, e quando eles chegaram na cancela, aquele terceiro teria se queixado de dor de barriga. Então o avô lhe sussurrou secretamente ao pé do ouvido: “É de se esperar quando se põe na barriga um cavalo com pele e tudo”; mas aquele respondeu: “Se você me tivesse dito isso na floresta, então você não teria agora a chance de dizer isso.”

Uma mulher havia assumido a forma de um lobisomem e dessa forma atacou o rebanho de um pastor, que ela odiava, e havia lhe causado grande prejuízo. O pastor, no entanto, feriu o lobo com um arremesso de cutelo no quadril, de modo que ele rastejou para dentro de um arbusto. Então o pastor o perseguiu com a intenção de dominá-lo completamente, mas ele encontrou uma mulher, ocupada em estancar o sangue que jorrava do ferimento com um pedaço rasgado de seu próprio vestido.

Em Liège, dois feiticeiros foram executados em 1610 por terem se transformado em lobisomens e matado muitas crianças. Eles tinham consigo um menino de doze anos, o qual o Diabo transformava em corvo, sempre que eles caçavam uma presa e a devoravam.

1. Ou, como outros contam: Colocou um cinto; 2. Retirou.

NOTA EXPLICATIVA:

### 214. O Lobisomem

A lenda do homem que se transforma em lobo está presente em narrativas de origens diversas, fazendo parte do folclore e da mitologia de vários povos. Deuses antigos eram representados em formas mistas de homem e animal, formando a base das religiões do Egito e da Mesopotâmia, daí a relação direta entre metamorfose homem-animal com paganismo. Segundo Câmara Cascudo (1983, p. 145), a lenda do lobisomem foi trazida para o Brasil pelo colono europeu, revertendo-se em um “dos mitos mais complexos e escuros pela ancianidade e divisão local”. A lenda é encontrada em diversas culturas, nas quais adquire distintos nomes. O nome *Werwolf* em alemão é uma formação composta na qual *wer* significa homem e *wolf*, lobo, fórmula vocabular que as demais línguas seguem, indicando o processo de metamorfose de homem-animal. Assim temos, por exemplo, *versipellis* (latim), *licantropos* (*lukánthrōpos*; grego), *loup-garou* (francês), *werewolf* (inglês), *Volkodlak* (esloveno) e *Vírcolac* (búlgaro).

Ovídio descreve em *As Metamorfoses* um episódio que se origina da mitologia grega, do qual destacamos o seguinte trecho, no qual é descrito o castigo que Júpiter deu a Licaón, por este não o ter reconhecido ao se mostrar em forma de homem na terra, como os outros o fizeram ao reverenciar o deus em forma humana [...].

É de se notar nesta narrativa a relação entre o caráter do homem e a forma raivosa e violenta com a qual o animal se comporta. Júpiter transforma o homem em uma fera e assim cria a imagem de um ser que está em busca de satisfazer-se com sangue (daí a frequente associação da lenda do lobisomem com a do vampiro). A alusão remonta ao trecho anterior da narrativa, na qual Licaón degolara um escravo e cozinhou partes do seu corpo. Vê-se nisso a ligação com antigos sacrifícios pagãos da era babilônica, nos quais seres humanos eram mortos em louvor aos deuses (Baal). Cascudo (1983, p. 146), menciona a hipótese de haver, segundo estudiosos, na mitologia pré-helênica um Zeus-Licaeus e também que, segundo Victor Bérard em seu livro *De l'origine des cultes arcadiens* (1894): “Zeus-Licaeus era o mesmo Baal semítico, levado à Arcádia pelos fenícios”.

A menção ao homem transformado em lobo será também encontrada em Heródoto (2016) [...].

Tanto o historiador grego quanto Plínio se referem a crenças antigas da Escandinávia, que provavelmente se encontram em relação aos Berserker, guerreiros nórdicos que iam na frente da linha de batalha possuídos de uma fúria extremada derivada de um êxtase religioso: “Odin podia fazer que na batalha seus inimigos se tornassem cegos ou surdos ou cheios de temor [...] seus homens avançavam para as frentes sem armaduras e estavam tão raivosos como cachorros ou lobos, mordiam seus próprios escudos, eram tão fortes quanto ursos ou touros; matavam pessoas e nem o fogo nem o ferro os detinha; isso é chamado de furor de *berserkr*” (STURLUSON, 1997, p. 41). Na *Saga dos Volsungos*, narra-se o episódio de Sigmund e seu filho Sinfjötli, que em busca de caça ao entrarem em uma casa se deparam com guerreiros *berserker* adormecidos. Estes estavam ao lado de suas peles mágicas de lobo que eram obrigados a usar, sendo-lhes permitido retirá-las somente a cada dez dias: “Sigmund e Sinfjötli colheram as peles e as puseram [em suas cabeças], mas como não haviam perdido seu encantamento já não podia retirá-las. Os dois começaram a uivar como lobos, mas ambos compreendiam o significado dos uivados do outro” (ANÔNIMO, 1998, p. 42). Revestidos de peles de lobo, pai e filho se transformam em verdadeiras feras, e durante o efeito do feitiço comentem diversos

assassinatos atrozes. O lobo, assim como o corvo e o urso, são animais totêmicos e significativos para a mitologia nórdico-germânica. [...]

O folclorista brasileiro descreve a presença da lenda também na Ásia (China e Arquipélago Malaio) e na África. Neste continente acentua a ancestralidade do mito ligado a práticas religiosas xamânicas e antropofágicas, durante as quais o espírito do homem abandona o seu corpo e se transpõe para o corpo de um lobo ou de uma hiena. Ao se ferir o animal, as marcas se transportam para o corpo do homem. Cascudo acentua aqui a ideia do animal como duplo do homem.

A segunda parte da lenda alemã assemelha-se ao relato mencionado pelo estudioso acerca de uma mulher que se transforma em animal, inserido no imaginário popular sul-africano:

Um negro casa inocentemente com uma mulher *noyi*, isto é, iniciada, sábia nos segredos da magia africana. Durante a noite vê sua esposa tranquilamente adormecida junto a si. Ouvindo o conselho do missionário, sabedor de tudo, fere a esposa na perna, com uma azagaia. Ouve apenas um uivo de hiena e, em vez da mulher, vê uma hiena espavorida e tonta que foge do quarto marital. No outro dia encontra a mulher dormindo, escondida na floresta. Está ferida na perna com um golpe profundo de azagaia. (CASCUDO 1983, p.151)

Esta descrição, encontrada no relato de um missionário suíço, possui o mesmo tom que as diversas versões assumidas pela lenda ao longo do século XVI, ano de forte ação inquisitorial. A associação da mulher com elementos diabólicos e sobrenaturais era a base para a condenação feminina, principal vítima dos tribunais da Inquisição.

A terceira parte da lenda se passa na cidade de Liège, atualmente em Bruxelas e que no século XVII estava sob o domínio do bispado da Casa de Wittelsbach, que também tutelava a cidade de Colônia. O ano mencionado, 1610, estava em meio ao período da Contra Reforma e auge da perseguição religiosa, pouco antes da Guerra dos Trinta Anos (1618-1848). Essa parte da narrativa se afasta da transformação do homem ou mulher em lobo e se refere à transformação em geral do homem em animal, como encontraremos em diversas outras lendas (no Brasil uma das mais famosas é a lenda do boto). Entre os anos de 1423 e 1720, foram registrados na Alemanha cerca de 250 processos por transformação em lobisomem. O caso mais famoso que se tem notícia findou em 1589 com a aplicação da pena de morte a Peter Stumpp. A história do agricultor da Renânia (cidade de Bedburg), acusado de, na forma de um lobisomem, ter cometido 16 assassinatos, além de violência sexual e incesto, se espalhou por diversos países (Inglaterra, Dinamarca e Países Baixos) e foi retratada em gravuras, além de panfletos, responsáveis pela ampla divulgação do episódio.